



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Os Bravos do Kosovo

AUTOR

Carlos Alberto Machado

ANO

2009

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Carlos Alberto Machado

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Os Bravos do Kosovo

AUTOR

Carlos Alberto Machado

ANO

2009

Peça inédita
Em memória do Cabo Hugo Paulino.
Para o José Amaro Dionísio.

2015 Coimbra



Carlos Alberto Machado

1954. Nasceu em Lisboa, a 18 de Novembro. Tem escrito e publicado livros, mais de duas dezenas, repartidos por ensaio, teatro, poesia e ficção. Houve quem dissesse que a escrita de Carlos Alberto Machado «é um labor orquestral onde ele baralha as fronteiras entre a poesia e a prosa, a linguagem de todos os dias e a literária. Ou que tem um piloto automático que lhe desencadeia a escrita num jorro, quando é preciso, mas que o trabalho no teatro lhe ensinou que a grande liberdade e o rigor não são incompatíveis e se complementam. Nele tudo está entrançado: os tempos mais recuados da sua vida, o amor, a morte e a escrita. O vivido em Carlos Alberto Machado é sempre um ponto de passagem para o seu direito de mentir, de construir campos de virtualidade e de possíveis. A tensão de um perpétuo jogo entre o verdadeiro e o virtual. A realidade inclinada. A ventilação da vida, a sua energia transbordante.» Alguns dados de cadastro: Grupo de Teatro de Campolide/ Companhia de Teatro de Almada (1969-1983). Licenciatura em antropologia na Nova de Lisboa (1990) e mestrado em sociologia da comunicação e cultura no ISCTE, em Lisboa (1998). Professor nas licenciaturas de teatro do antigo Conservatório/ESTC (1999-2000) e na Universidade de Évora (2000-2008). Textos seus para teatro foram encenados por Tiago Porteiro (2008), João de Castro (ESMAE/As Boas Raparigas..., 2007), João de Carvalho (Sindicacto, 2005) e Evoé (2005), Tiago de Faria (2002 e 2004), Grupo de Teatro Ensaio (2003), João Ricardo (2002), Joana Fartaria (2001), Companhia de Teatro de Almada (2003), João Ricardo (2002) e João Brites (teatro o bando, 2001). Encenou os seus textos *Restos. Interiores* (2002), *Aquitanta* (2003) e *Salada Cómica*, de Karl Valentin (2004). Dirigiu laboratórios de escrita para teatro com o Citac, Quarta Parede, Cepia e Teatro de Giz. É coordenador editorial da Companhia das Ilhas (editora livreira independente). É pai da Inês (nascida em 1993). Vive nas Lajes do Pico (ilha do Pico, Açores) desde 2005. bloguecam.wordpress.com

O Inferno deve ser uma retrete de soldado em ponto maior.

Raul Brandão

FIGURAS
KATRITË (MARIA)
MADALENA
SOLDADO ELIAS
SOLDADO PAULO

1

*Dia. Kosovo. Klina. Aquartelamento do destacamento militar português.
Caserna do Pelotão Os Bravos do Kosovo.*

ELIAS Merda de patrulha... Quando é que chegaste?

PAULO Há umas horas.

ELIAS Vieste substituir o... aquele que...

PAULO Quem?

ELIAS Esquece, não é importante.

PAULO Vocês aqui estão mesmo estranhos.

2

*Noite. Kosovo. Uma aldeia nos arredores de Klina completamente destruída por
um míssil.*

KATRITË Os aliados ficavam lá em cima a atirar as bombas e os sérvios cá em baixo abatiam-nos como cães raivosos. Nem eu nem os meus irmãos albaneses nunca mais queremos ver um sérvio à nossa frente. Cresci com eles, é verdade, fui amiga deles, brinquei e estudei com eles. Mas, quando veio o Milosevic, vieram os insultos, as prisões, os espancamentos, as mortes. Indivíduos que viviam na nossa rua, no nosso prédio, que conversavam connosco, que até eram nossos amigos, de repente começaram a espancar-nos, a queimar-nos a casa, a expulsar as pessoas, a violar as mulheres, a matar pais e mães e filhos. Nunca mais quero ver um sérvio à minha frente. Como é que se pode olhar para um tipo que nos matou pai, irmãos e marido?

3

Dia. Portugal. Faro. Quarto de MADALENA.

MADALENA Há uma semana que estou só.

Recordo-me do meu aniversário, há pouco mais de três meses. Bebemos aquela garrafa de vinho que o meu pai guardara durante anos para uma «ocasião especial.» Depois, fizemos amor até de manhã. Lembras-te? Agora passo os dias a contar o tempo até ao nascimento do nosso filho. Estarás comigo para o beijar?

Quando voltares, não tragas a guerra contigo.

4

Noite. Kosovo. Klina. Aquartelamento do destacamento militar português. Caserna do Pelotão Os Bravos do Kosovo.

PAULO Talvez isto seja uma carta para ti, querida Madalena, ou talvez sejam apenas umas pobres palavras que não-de ficar sepultadas num destes campos estéreis. Sim, aqui tudo parece morto. Parece que a vida aqui se recusou a obedecer a Deus, ou foi Deus que desistiu de ser Ele mesmo.

Ainda bem que fizemos o nosso pacto. Enquanto durar a minha missão nesta terra só o silêncio é justo. O som das palavras morre nas gargantas e em nós ressoa até à exaustão a palavra que nos une em vez da carne de que somos feitos. A matéria do amor, como gostas de dizer.

Sei que aí, na nossa terra cheia de luz, há-de escrever. Não sei se receberei as tuas palavras, talvez também as escrevas apenas dentro de ti. Escrevemos um livro despovoado de palavras, sem outra matéria para além dos nossos corpos? O que nunca dissemos um ao outro alguma vez o diremos?

Se me visses agora talvez lesses nos meus olhos o vazio que isto é. Klina, uma cidade em destroços numa terra devastada, este Kosovo triste.

Se estas palavras forem uma carta para ti não levará data. O tempo aqui é uma afronta ao tempo.

5

Dia. Portugal. Faro. Quarto de MADALENA.

MADALENA De quantas ilusões é feita uma vida? Os teus pais dizem que andas aí a fazer a «guerra nova», aquela que sobre os escombros da «guerra velha» será começo de paz, uma paz sem memória, uma paz sem futuro, porque se vive em cada dia como se cada dia valesse por todo o passado e todo o futuro. Ouço-os como quem acredita.

É preciso, não é?

6

Noite. Kosovo. Klina. Aquartelamento do destacamento militar português. Caserna do Pelotão Os Bravos do Kosovo.

PAULO Os homens aqui são raros. Os velhos são doentes ou mutilados. Os miúdos, poucos, parecem velhos. As mulheres vagueiam pelas terras contaminadas em busca do que comer.

Esta terra não pode existir, meu amor.

7

Dia. Portugal. Faro. Quarto de MADALENA.

MADALENA Não tenho memória para palavras e é talvez por isso que escrevo tantas, já sabes. Também de pouco me servem as palavras escritas, é verdade, será uma doença? Mas o meu corpo é uma espécie de memória material. O meu corpo sabe e diz-me tudo sobre o nosso banho de mar, quando bebi vinho contigo a primeira vez, tem ainda vivas as marcas das palavras que me leste certa noite de inverno à beira-mar, tudo, tudo... Por isso, meu amor, preciso muito que me escrevas daí, mesmo que as palavras fiquem retidas em qualquer fronteira – o meu corpo sabe sempre quando o teu pensa nele, o quer, o deseja...

8

Noite. Kosovo. Klina. Aquartelamento do destacamento militar português. Caserna do Pelotão Os Bravos do Kosovo.

PAULO É quase dia. Pelo menos aquela bola vermelha desmaiada ao longe parece ser o Sol. Já me tinham dito, quando aqui se olha para o fio do horizonte paira sobre a terra uma neblina que torna tudo difuso, fantasmagórico. E perto de nós parece que as pessoas pairam sobre a terra. Como se fosse perigoso tocá-la. E é. Dizem.

9

Dia. Kosovo. Klina. Campo contaminado

PAULO Eh, menina, não pode andar aqui.

KATRITĚ Aqui, é a minha terra.

PAULO Não... pois claro, é a sua terra, mas neste campo não se pode andar agora, pode estar... agradeço-lhe...

KATRITĚ ... pode estar contaminado, eu sei.

PAULO Agradeço-lhe que vá para aquela estrada.

KATRITĚ Quer água?

PAULO Como?

KATRITĚ Estou a perguntar-lhe se quer água.

PAULO Não, obrigado.

KATRITĚ Estou a oferecer-lhe água.

PAULO Sim, eu percebi, obrigado, mas não, não me apetece agora.

KATRITĚ Água bebe-se sempre.

PAULO Pois, talvez, mas agora...

KATRITĚ Tem medo?

PAULO Não, não tenho.

KATRITĚ Tem medo da guerra?

PAULO Agora não há guerra.

KATRITĚ Aqui há sempre guerra.

PAULO Não... Bom, já lhe pedi para se afastar, tenho ordens...

KATRITĚ ... ofereci-lhe água com o meu coração.

PAULO E eu agradeço-lhe, mas não posso. Agora não me apetece.

KATRITĚ Chamo-me Katritě. Adeus, soldado.

PAULO E eu chamo-me... Adeus, adeus.

10

Noite. Kosovo. Klina. Aquartelamento do destacamento militar português. Bar.

ELIAS Ficaste mesmo chateado.

PAULO O que é que te parece? Não viste a reacção daquela cambada de bestas quando falei com a mulher?

ELIAS A malta aqui está um bocado embrutecida, quando vêm fêmea jovem ainda é pior.

PAULO Metam-se na vida deles.

ELIAS Afinal, quem é a gaja?

PAULO Merda! Também tu?

ELIAS Desculpa, pronto, conversa acabada.

Como é que ficou a tua mulher?

PAULO Acho que está bem. Mas acho que não queria que eu viesse para aqui, sabes como é.

ELIAS Sei, então não sei. É só preciso ter calma, aqui faz-se pouco e ganha-se bem. Eu agora estou a repetir mais seis mesinhos.

PAULO Pois, mas eu não posso.

ELIAS Porquê?

11

Dia. Kosovo. Klina. Uma Rua.

PAULO Olá.

KATRITË Olá.

PAULO Lembra-se de mim?

KATRITË Lembro-me de tudo.

PAULO Lembra-se da história do campo... da água.

KATRITË Lembro-me que estávamos num campo contaminado onde se pode morrer e que você recusou a água que lhe ofereci.

PAULO Pois, é que... desculpe.

KATRITË É sincero?

PAULO Peça-lhe sinceramente desculpa.

KATRITË No país de onde veio mente-se muito ou pouco?

PAULO Está a duvidar que...

KATRITË ... não, estou só a querer saber se no seu país se mente muito ou pouco.

PAULO Não sei, não conheço muitos países, acho que não devemos ser muito diferentes dos outros.

KATRITË Então não sabe se no seu país se mente muito ou pouco.

PAULO Se calhar não sei.

KATRITË Mentiu-me naquele campo, no outro dia.

PAULO Não...

KATRITË ... mentiu, sim.

PAULO Temos ordens para não dizer...

KATRITË ... mandam-no mentir e por isso mentiu.

PAULO Se estivesse no meu lugar...

KATRITË Mas não estou.

PAULO E mente-se muito ou pouco no seu país?

KATRITË O meu país não existe. Hoje não tenho água para lhe oferecer. Adeus.

12

Noite. Portugal. Faro. Uma praia.

MADALENA Há areia branca como esta aí nesse país? Mar a perder de vista? Praias? Rios? São vermelhos, os fins de tarde? O pão é doce ou salgado? E o vinho é macio ou áspero? Com quantas letras se escreve aí a mentira mais pequena? Já ouviste uma criança a rir? As mulheres gordas são felizes? De que cor é a morte? Amas-me?

13

Dia. Kosovo. Klina. Aquartelamento do destacamento militar português. Caserna do Pelotão Os Bravos do Kosovo.

ELIAS Não podes ficar sempre aqui fechado.

PAULO Andei todo o dia lá por fora.

ELIAS Nas patrulhas... É preciso arejares, isto parece um túmulo!

PAULO O que é que queres que eu faça?

ELIAS Bebe uns copos, vai ver as raparigas, sei lá, qualquer coisa.

PAULO Não consigo divertir-me nesta terra sem vida.

ELIAS Mas é preciso, senão, damos em doidos.

PAULO Vou tentar.

ELIAS Não te esqueças, somos Os Bravos do Kosovo!

PAULO Pois somos.

14

Noite. Portugal. Faro. Quarto de Madalena.

MADALENA Dói-me o peito como se o esqueleto mirrasse lentamente, cada vez mais apertado, até eu não ser mais do que ossos contra ossos. Parece um sonho, mas não é, estou bem acordada.

Não liguês. Coisas de quase-mãe. Serei? Serei. Mãe. Com dores e com desejos e com sangue e com água e com carne e com leite e... Dói-me o peito!

15

Dia. Kosovo. Klina. Uma rua.

PAULO Bom dia.

KATRITË Bom dia. Adeus.

PAULO Está zangada comigo?

KATRITË Zangada? Não, porquê?

PAULO Está já a dizer-me adeus.

KATRITË Para não lhe mentir mais.

PAULO Mentiu-me?

KATRITË Não podia ter-lhe dito que está um bom dia.

PAULO É só um cumprimento.

KATRITË Eu sei, estava a brincar.

PAULO Olhe, tenho água para lhe oferecer.

KATRITË Do coração?

PAULO Do coração.

KATRITË Obrigada. Não tenho nada para lhe oferecer.

PAULO Não é preciso.

KATRITË Mas gostava.

PAULO Fica então para outro dia.

KATRITË Outro dia é coisa que não posso prometer-lhe.

PAULO Deixe-se de coisas tristes.

KATRITË Tristes...

PAULO Lembre-me o seu nome.

KATRITË Katritë. E o seu?

PAULO Paulo.

KATRITË É estranho!

Riem-se.

KATRITË Na sua terra há laranjeiras?

PAULO Há, muitas!

KATRITË Adeus, que o dia foge.

PAULO Espere!

16

Noite. Portugal. Faro. Quarto de MADALENA.

MADALENA Prometi-te que te escreveria todos os dias e é o que tenho feito. Já enchi tantas folhas... Talvez amanhã faça um rolo com elas e as mande para aí, mas não sei, estás numa terra devastada, estranha, com gente e palavras estranhas, estás no meio de tudo isso e a verdade é que não sei onde estás. Diz-me um nome: um pedaço de terra, um rio...

17

Dia. Kosovo. Uma cratera aberta por um míssil nos arredores de Klina.

PAULO Estas enormes crateras foram feitas pelos mísseis disparados pelos aviões A10 da NATO contra os blindados e os bunkers sérvios. E as duas aldeias perto delas estão reduzidas a entulho. E tantas mais, meu Deus! Nos bairros de Klina, no meio das ruínas, ainda há tanques bombardeados, autocarros queimados no que resta das ruas. Destruição por todo o lado.

Em pouco tempo, os kosovares sofreram duas mortes, primeiro a levada a cabo pelos sérvios, depois a dos aliados ocidentais que vieram libertá-los dos primeiros carrascos. Na verdade, nunca houve aqui uma guerra. Já não há guerras neste mundo. Deixou de haver vencidos e vencedores. Ou talvez haja uns poucos vencedores, aqueles que ditam a nova ordem do mundo. Todos os outros, mesmo os que matam e sobrevivem, são vítimas. Somos todos vítimas.

18

Noite. Kosovo. Klina. Aquartelamento do destacamento militar português. Caserna do Pelotão Os Bravos do Kosovo.

ELIAS Tens andado desaparecido.

PAULO Ando por aí.

ELIAS A fazer o quê?

PAULO A ver coisas.

ELIAS Não há muito que ver.

PAULO Andei a ver como as pessoas olham.

ELIAS Como olham para nós?

PAULO Como olham, apenas.

ELIAS E olham como, afinal?

PAULO Não sei bem, parecem desamparadas.

ELIAS A guerra destruiu-as, é como se não tivessem pátria, é natural.

PAULO Pois, se calhar, é.

ELIAS Mas as miúdas são bonitas.

PAULO Pois são.

ELIAS Alegra-te, pá.

PAULO Estou a tentar.
ELIAS Vamos beber uns copos.
PAULO Vai andando, já vou ter contigo.

19

Dia. Portugal. Faro. Uma praia.

MADALENA Está tão limpo, o ar! Limpido. Quase que se vê o norte d'África. Apetecia-me ter asas. Deve ser bom voar num céu assim tão limpo. Deve ser bom voar. Ter asas. Não sei se hei-de resignar-me. Gostava que o nosso filho nascesse com asas. Num dia assim de céu aberto.

20

Noite. Kosovo. Nos arredores de Klina.

PAULO Um dia, um Oficial perguntou-me: «Soldado Paulo, quer ir fazer uma missão ao Kosovo?» «Porquê?», perguntei distraído. «Vai ganhar um dinheiro extra, um bom seguro de vida. Além disso, são só seis meses.» «Fazer o quê?», perguntei ainda distraído. «Pôr cada um no seu sítio para ver se aquilo se aguenta mais uns tempos.»

Agora começo a ver o que é aguentar. É uma espécie de guerra calma, sem grandes movimentos: a morte está por todo o lado mas não se vê, já foi e será, o presente é apenas uma ponte.

Quem tem ou teve razão? Os mortos. Todos os mortos.

21

Dia. Kosovo. Klina. À porta da casa de Katritë.

PAULO Bom dia.

KATRITË Bom dia.

PAULO Está mesmo um bom dia?

KATRITË Está. Ninguém que eu conhecesse morreu hoje.

PAULO Diz que está um bom dia mas continua a dizer coisas tristes.

KATRITË Não é uma coisa triste não morrer alguém.

PAULO Falar de morte, é.

KATRITË Aqui não se fala de morte mas de pessoas que morrem. E pessoas que têm nome: familiares, amigas, vizinhas. A morte não se vê. Os mortos, sim. Chamam guerra a isto.

PAULO Tem razão, desculpe. Sou soldado mas não sei o que é a morte ou o morrer. Dos mortos e da guerra só conheço o que a sua cidade tem para nos mostrar.

KATRITË Não peça desculpa. Somos todos culpados.

PAULO Já me esquecia: trouxe-lhe água. E laranjas da minha terra.

KATRITË Para quê?

PAULO Para festejarmos.

KATRITË O quê?

PAULO Depois digo-lhe.

22

Noite. Portugal. Faro. Quarto de Madalena.

MADALENA Devíamos ser velhos. Não são eles os que mais sabem? Bom, talvez não. Talvez não seja bom sermos como eles. Talvez a sua sabedoria não seja mais que o sofrimento que se deposita nos seus corações ano após ano. Sabemos menos, sofremos menos: será mesmo assim? O nosso filho trará com ele só o pequeno sofrimento de estar fechado no meu ventre? Para lhe poupar todo o sofrimento futuro devo impedir a sua vinda? Ou a sabedoria pode compensar o sofrimento? Não sei. Não sabes. E não podemos saber se ele sabe.

As paredes do meu quarto estão mais húmidas. Tenho medo que rebentem, expulsem cobras de medo.

23

Dia. Kosovo. Arredores de Klina. Uma sombra de uma árvore.

KATRITË O que faz aqui, tão longe dos seus amigos soldados?

PAULO Havia aqui uma nuvem estranha e vim ver.

KATRITË E também uma nave extraterrestre?

PAULO Não, a sério, era uma nuvem como as que existem na minha terra.

KATRITË Sim, e então?

PAULO Sabia que sob essa nuvem estava uma árvore frondosa e debaixo dela... Desculpe.

Katritë beija-o. Paulo afasta-se a correr muito depressa.

24

Noite. Kosovo. Klina. Uma rua.

ELIAS Eh, soldado, pára, onde é que vais com todo esse fogo no cu?

PAULO Não te interessa.

ELIAS Laranjas no saco, brilhinho nos olhos...

PAULO Deixa-me lá!

ELIAS Não andes tanto aí por fora, olha que o último lixou-se.

PAULO Lixou-se o quê?

ELIAS Depois não digas que não te avisei.

PAULO Mas avisaste de quê?

ELIAS Bons sonhos.

PAULO Vai à merda!

25

Dia. Portugal. Quarto de MADALENA.

MADALENA Há tanto tempo que não comia laranjas...

Hoje quase te liguei para o quartel, ou lá como se chama o sítio onde estás.

Quis saber se a tua voz estava firme.

Passou por aqui uma nuvem de cor fria.

Foi por isso.

Desculpa-me.

Hoje sepultei no mar todas as palavras que te escrevi. Estás contente?

Virás por mim? Antes ou depois do teu filho nascer?

Virás?

26

Noite. Kosovo. Klina. Quarto de KATRITË.

KATRITË Há tanto tempo que não comia laranjas!

PAULO Gostaste?

KATRITË Foi... são... doces e... sumarentas.

PAULO Fico contente por teres gostado...

KATRITË E tu, gostaste?

PAULO As laranjas não são más, não...

KATRITË Grande estúpido!

PAULO Adoro laranjas depois do amor!

KATRITË E acabou-seo vinho tinto...

PAULO Da próxima vez trago-te mais.

KATRITË E quem te disse que haverá próxima vez?

PAULO Tu.

27

Dia. Portugal. Faro. Uma praia.

MADALENA Está a passar uma nuvem com forma de ave, não, não é ave, talvez... não sei. É só uma nuvem.

28

Noite. Kosovo. Klina. Quarto de KATRITË.

PAULO Como é a tua família?

KATRITË Não tenho família.

PAULO Toda a gente tem família.

KATRITË Tive, agora não tenho.

PAULO Desculpa. Morreram na guerra?

KATRITË Morreram... por aí.

PAULO Não percebo.

KATRITË Morre-se por estar aqui, morre-se por fugir, por qualquer coisa.

PAULO Tu não fugiste.

KATRITË Pois não.

PAULO Lutaste?

KATRITË Não... sim... lutei por...

PAULO ... pela liberdade?

KATRITË Lutei por... pela minha felicidade.

PAULO Percebo.

KATRITË Não, não percebes.

29

Dia. Kosovo. Klina. Um riacho.

KATRITË O que é «Madalena»?

PAULO Como é que sabes esse nome?

KATRITË Falaste a dormir.

PAULO O que é que disse?

KATRITË Não percebi tudo.

PAULO Não me mintas.

KATRITĚ Percebi «Madalena», várias vezes. E «Não»...

PAULO Com medo?

KATRITĚ Talvez... O que é «Madalena»?

PAULO Uma praia no sul do meu país.

KATRITĚ Não me mintas.

PAULO Se agora te disser a verdade nunca mais poderei hesitar.

Silêncio.

KATRITĚ De que é que tens medo: de escolher ou de errar?

PAULO Talvez tenha medo de escolher.

30

Noite. Portugal. Serra de Monchique.

MADALENA Fuji do mar, meu amor. Fujo de tudo o que me pode trazer a imagem do teu corpo, o som da tua voz. Enjoei as laranjas. E o vinho tinto. Quero esquecer-me de ti. Se não me esquecer, enlouqueço, sei que vou enlouquecer. Amo-te tanto. Talvez seja melhor o silêncio, talvez seja melhor não escutar a tua voz. Talvez tenha sido bom assim.

31

Dia. Kosovo. Klina. Um riacho.

PAULO Não consigo, não consigo, é muito complicado...

KATRITĚ Vá lá, eu ajudo-te, devagarinho, Ka-tri-tě.

PAULO Ká-trié-tchá... não.

KATRITĚ Isso! É quase isso.

PAULO Não, é melhor não... olha, já sei!

KATRITĚ Sim?

PAULO Maria. Vou chamar-te Maria.

KATRITĚ Maria?

PAULO Sim. Simplesmente Maria.

KATRITĚ De que é que te estás a rir?

PAULO É uma coisa nossa, não lrigues. Maria.

KATRITĚ Gosto do meu nome, não o quero trocar por esse.

PAULO Por favor! Só para mim, pode ser?

KATRITĚ Só se prometeres que não dizes esse nome à frente dos outros.

PAULO Prometo.

KATRITĚ Maria...

PAULO Maria.

32

Noite. Portugal. Faro. Quarto de Madalena.

MADALENA Agora nos meus sonhos o dia alterna com a noite muito depressa e as coisas neles também mas são coisas que nunca acabam parece que vão acabar mas não vem logo o dia ou a noite e os sitios mudam também parece que os conheço mas não conheço e depois caio caio...

*Dia. Kosovo. Klina. Quarto de **Katritë**.*

PAULO Amo-te.

KATRITË Meu lindo, não digas isso.

PAULO Amo-te, claro que amo.

KATRITË Não podes... noutro tempo... noutro país...

PAULO Noutro país...

KATRITË O que é que se passa no teu país?

PAULO No meu país?

KATRITË Ouviste bem.

PAULO Não sei se volto ao meu país.

KATRITË Não digas disparates.

PAULO Não lighes.

KATRITË És tão novo.

PAULO Olha quem fala!

KATRITË Sou mais velha do que tu.

PAULO Sim, mamã!

KATRITË Uma mulher aqui pode ser mãe do mundo.

PAULO O que é que não se pode ser aqui?

KATRITË Coisas simples. Amar, ser amada.

PAULO Eu amo-te.

KATRITË Não confundas o prazer com amor.

PAULO Amo-te.

KATRITË Isso passa-te.

PAULO Não passa, não.

KATRITË É verdade que gostas mesmo de laranjas?

PAULO É.

KATRITË Quando voltares ao teu país pensa em mim quando comeres uma.

PAULO Quando... não sei.

*Noite. Portugal. Faro. Quarto de **Madalena**.*

MADALENA Só agora me apercebo o que é uma família, a minha família. A nossa família. É este filho a nascer e o que ele será quando já não existirmos e ele pensar então em nós como uma parte que o excede e que ao mesmo tempo o completa. Ser uma família deve ser isso, sentir o completo e a falha.

É isso que sinto. Eu como ponte entre o nosso filho que ainda não é e tu que estás tão longe.

Talvez a essa ponte se possa chamar amor.

Talvez. Não sei.

Desculpa-me por nem sempre ter as palavras exactas.

Amo-te.

Das suas mãos solta-se uma laranja.

*Dia. Kosovo. Klina. Quarto de **Katritë**.*

KATRITË Vai para a tua terra, soldado inocente. Vai para a tua Madalena. Só por acaso uma nuvem aqui é boa.

E a terra não acolhe laranjeiras.

Vai. Parte.

De ti nada ficará senão a esperança de uma semente tua em mim.

Parte, meu querido soldado.

Antes que seja demasiado tarde.

*Noite. Kosovo. Klina. Quarto de **Katritë**.*

KATRITË Chá?

PAULO Não.

KATRITË Vinho?

PAULO Não.

KATRITË O que tens?

PAULO Nada.

KATRITË Nada... E vais dizer-me depois de um grande silêncio que afinal não gostas de mim?

PAULO Não.

KATRITË Não é a única palavra que mereço?

PAULO Não, porra, desculpa, desculpa-me.

KATRITË Sim. Mas não entendo.

PAULO Sinto-me mal.

KATRITË Comigo?

PAULO Não, comigo.

KATRITË Sim?

PAULO Não é nada contigo, connosco.

KATRITË A partir de agora fico calada. Na minha terra é má educação insistir quando uma pessoa não quer falar.

PAULO Não te zangues, eu quero dizer-te...

KATRITË Estou à espera.

PAULO Tenho medo.

KATRITË Já te disse que me calava. Fala se quiseres.

PAULO Não me tenho sentido bem. Dores de cabeça. Dores musculares. Vômitos.

KATRITË Bebeste da nossa água?

PAULO Não, nunca.

KATRITË Nem comeste nada desta terra podre?

PAULO Não, bem sabes.

KATRITË Então não tenhas medo, isso passa-te, hás-de habituar-te a esta terra.

PAULO Tenho medo do que se diz por aí.

KATRITË E o que é?

PAULO Diz-se, lá no quartelamento, que a vossa terra está contaminada por urânio empobrecido.

KATRITË Já se sabia. Disso e doutras coisas.

PAULO Pois, mas também se diz que o ar está na mesma, contaminado.

KATRITË Não. Poluído, sim, contaminado, não. Não é possível.

PAULO Não sei. É o que dizem.

KATRITË Quem?

PAULO Os meus companheiros.

KATRITË Soldados como tu?

PAULO Sim.

KATRITË E os chefes?

PAULO Não sei.

KATRITË Não sabes.

PAULO Tenho medo.

37

Dia. Portugal. Faro. Uma rua.

MADALENA Hoje faço contas de tu estares aí e eu aqui: três longos meses. Mais três longos meses a acrescentar ao nosso filho que ainda não é. E faltam outros três longos meses para que voltes. Sim?

Deixei de querer saber notícias dessa terra. Só falam de morte.

A minha mãe disse-me que pareço mais velha.

38

Noite. Kosovo. Klina. Aquartelamento do destacamento militar português. Caserna do Pelotão Os Bravos do Kosovo.

PAULO Quem és tu? O que fazes no meu sonho? Não estou a sonhar? Como é que sabes? Não importa. Podemos estar ambos mortos. Mas acho que não. Pelo menos eu estou vivo. E tu, vivo ou morto, estás a incomodar-me. Estava a sonhar com a minha morte e interrompeste-me. Não há mortes felizes... Mas é bom saber como se vai morrer, quero dizer, quando já sabemos que vamos morrer dentro de pouco tempo é bom saber como será a nossa morte. Já ouviste falar do urânio empobrecido? Ah, sabes tudo, pois... Se calhar és Deus! Não? Está bem. Vai ser dolorosa, a minha morte. O quê? A morte não dói, só a vida? Está bem. Então é aquele bocado de vida que já não é vida mas que ainda não é a morte que virá – é esse bocadinho que vai doer. O urânio empobrecido envenena-me, lentamente, por dentro e por fora, até mesmo a alma, fica tudo de cor da morte. E sei que vai doer muito, mesmo muito, até os olhos hão-de doer. E vai fazer explodir luz dentro do meu crânio, é para se ver tudo muito bem, para trás e para a frente – é o que dói mais, é quando a alma dói a sério, prensada entre o passado e o futuro. Fica tudo ao contrário e deixa de haver presente. Sei que vou morrer e a minha alma insiste em saber quem é o passado e o futuro: Maria ou Madalena? O filho meu que a Maria tem em si? O fruto do meu amor com a Madalena? Os dois? Nenhum? Isto é a morte, é, não me digas que não. Sai de cena quando entenderes, eu vou continuar a sonhar com a minha morte. Ela será o meu último acto de bravura. Mas sem direito a medalha por bons serviços prestados à pátria.

39

Dia. Kosovo. Klina. Um campo.

PAULO És meu amigo?

ELIAS Vai à merda.

PAULO És ou não és?
ELIAS Que merda de pergunta, sabes muito bem que sim.
PAULO Sinto-me muito mal.
ELIAS Vai ao médico.
PAULO Já fui.
ELIAS E o que é que ele te disse?
PAULO Stress de guerra.
ELIAS Isto não é uma guerra, apenas o rescaldo de uma guerra, somos uma espécie de bombeiros.
PAULO Foi o que eu lhe disse.
ELIAS Que somos uma espécie de bombeiros?
PAULO Não, que isto não é bem uma guerra.
ELIAS O gajo é parvo, quer é sair daqui o mais depressa possível, como todos nós.
PAULO Depois, disse-me que ingeri qualquer alimento daqui, mas não é verdade.
ELIAS Então, não estejas preocupado.
PAULO Vou morrer aqui.
ELIAS Não sejas parvo, já te disse.
PAULO Vou, vou, e por isso quero que me faças um favor.
ELIAS Faça-te um favor se não morreres e tu fazes-me o favor de não estares sempre a pensar dessa maneira.
PAULO Se és meu amigo, diz-me apenas que farás o que eu te pedir.
ELIAS OK, mas é só para deixar de te ouvir dizer essas merdas.
PAULO Obrigado.
ELIAS Vai-te lixar!

40

*Noite. Kosovo. Klina. Quarto de **Katritë**.*

KATRITË Não tenhas ilusões, soldado. Eu sei, sabia, e por amor agi como se não soubesse.

Eu sabia da Hiroshima e da Nagasaqui de 1945. E sabia que ainda hoje vivem a morte nuclear.

41

Dia. Kosovo. Klina. Um campo.

KATRITË Tenho vida tua no ventre, meu bom soldadito. A minha velha mãe diz que a tua raça depois de ter ocupado a nossa terra começa agora a ocupação dos nossos ventres. Mas eu adoro-te, meu pequeno soldado que não sabes o que é a guerra nem como a fazer. Não, não é possível, não posso pensar assim, não há soldados inocentes! Os nossos corpos não podem ser um campo de paz no meio da guerra!

PAULO (Chegando.) Estavas a falar sozinha?

KATRITË Sim. Estava a dizer que... a paz talvez seja possível.

PAULO Vocês e nós...

KATRITË ... tens mais laranjas?

42

Noite. Portugal. Faro. Quarto de Madalena.

MADALENA Meu amor, o nosso filho está quase a nascer.

Não é estranho não me sentir alegre?

Talvez seja só o medo do parto. Sim, é isso.

Sem ti.

Devia ter-te dito que nunca aceitei a tua ida para essa terra estranha.

Agora, é tarde demais.

O nosso filho está quase a nascer.

Sem ti?

43

Dia. Kosovo. Arredores de Klina. Uma árvore morta.

KATRITË Odeio-te, terra amaldiçoada por Deus! Não será abençoado este fruto do meu ventre, ó Deus! Foste tu, ó Deus sem misericórdia, que enviaste à nossa terra os estrangeiros criminosos para a deixarem envenenada para sempre! Foste tu, ó Deus insensível, que deixaste morrer os nossos homens na luta pela liberdade, que deixaste morrer as nossas mulheres e crianças sob as bombas e à míngua de água e alimentos! Foste tu, ó Deus cruel, que deixaste que o amor de outro homem tomasse o meu corpo e nele gerasse vida sem futuro! Não será abençoado este fruto do meu ventre, ó Deus impotente! Nem eu To permitiria!

44

Noite. Kosovo. Uma rua de Klina.

PAULO Só quero deixar-te esta laranja. Amanhã, quando abrires a porta e a vires talvez percebas tudo. Não. Perceber afinal o quê? O que sinto por ti? A minha traição? A minha doença? São demasiadas coisas. E uma laranja é só uma laranja. Podia ser outro fruto qualquer. Ou não haver nenhum fruto, nada. Tu e eu, somente, nada entre nós, passado ou presente. Agora há talvez a morte. A minha. Talvez amanhã já não tenha forças para me levantar. É tudo tão rápido...

Não importa.

Amanhã, ao amanhecer, esta laranja encontrar-te-á ao abrires a porta para este mundo morto.

Perdoa-me.

45

Dia. Kosovo. Klina. Quarto de Katritë

KATRITË Em que mundo vives tu, meu querido soldadinho?

Julgavas que não sabia...

E não tiveste coragem para...

Há uns anos não te teria perdoado, mas agora... Agora perdoo-te.

Talvez isto afinal seja mais covarde, porque afinal talvez seja eu quem precise de ser perdoada, não sei. Quem diria que ainda me veria assim, sem saber o que fazer ou que pensar, depois de tudo o que vivi...

Estamos sós.

Noite. Portugal. Faro. Uma praia.

MADALENA Não.

Não.

Não.

Dia. Kosovo. Klina. Casa de Katritë.

KATRITË No bairro de Drenica, na capital, num único dia, 22 de Abril de 1999, foram sumariamente executados 135 homens, mulheres e crianças. Oito pertenciam à minha família, Haxholli. O meu pai, lavrador, com 64 anos, os meus irmãos Naser, 22 anos, e Milan, 25, o meu marido, Ibrahim, 19, voltavam do campo com um tractor, Milan ao volante, os outros no atrelado. Foi num fim de tarde. A guerra tinha começado um mês antes. A estrada estava povoada de sérvios: militares, paramilitares, polícias civis armados. De dez em dez metros havia um grupo de três ou quatro sérvios. Mandaram parar o tractor já à entrada da cidade. Arrancaram o meu irmão do volante. O meu pai desceu e pediu-lhes que os deixassem seguir. Alguém disparou, primeiro sobre Naser, depois foi a vez de Milan e Ibrahim. As balas furaram-nos de lado a lado. Deixaram o meu pai continuar mas não o deixaram levar os corpos. E não chegou a tempo de avisar a família na cidade. Mais sete pessoas assassinadas pelos sérvios. Escapei eu que vivia aqui, em Klina. O meu pai conseguiu aqui chegar e dizer-me para nunca mais considerar um sérvio um ser humano. Foram as últimas palavras que disse nos meus braços.

Dia. Kosovo. Klina. Uma rua.

ELIAS Menina! Ei, menina!

Katritë aproxima-se.

ELIAS Já sabe do Paulo?

Katritë acena que sim com a cabeça.

ELIAS Ele está... ele vai... ele... ele parte amanhã...

Silêncio.

ELIAS Bom... até um destes dias...

Afasta-se lentamente.

Silêncio.

KATRITË O teu filho terá um destino igual ao teu?

Noite. Kosovo. Klina. Uma rua.

KATRITË *(Ao ver passar uma ambulância do Regimento Militar de Portugal.)*

Não vale a pena tentarem esconder de mim o teu corpo morto.

Cheiras a laranjas doces.

Será que aquela que te espera na pátria comum também partilhou contigo as laranjas doces depois do amor?

Pausa.

Acho que sim.

Pausa.

Dói não poder ir contigo. Um corpo morto não se partilha.

Pausa.

Porque será que Deus escolheu a minha terra para a deixar vazia de homens sãos? Será que os nossos ventres vão estar tão desabitados de vida como esta terra contaminada e seca?

Disseste uma vez que o nosso amor seria breve. Não sabias como aqui o tempo conta. Cada minuto pode ser o último. Por isso, pomos tudo o que temos em cada minuto.

Pausa.

Aprendi com o meu pai a observar as coisas e as pessoas à nossa volta. Às vezes ficávamos horas a fio a olhar o voo das aves, a passagem das nuvens, os frutos na jornada do dia, o andar das pessoas no mercado. A minha mãe nunca compreendeu o que fazíamos. Tentei explicar-lhe: «Mãe, sabes como é que os nossos corpos se deliciam com as águas do rio? Antes de mergulharmos, esfregamo-nos bem e com força com ervas e arbustos silvestres até ficarmos limpos de todas as impurezas. Depois, a força, a temperatura, o cheiro, a cor, a luz das águas podem tomar conta dos nossos corpos e dessa maneira tornarmo-nos parte das águas em movimento. Percebes, mãe?» «Percebo. Só tu e o teu pai é que são capazes de gastar tantas horas numa coisa dessas que não serve para nada.»

Meu querido soldado, entendes?

Nesta maldita guerra escondida as águas são ainda mais impuras que os nossos corpos pecadores. Tentámos uma pureza que não era possível.

Pausa.

Mataram-me todos os meus homens: pai, irmãos, marido. Não sei se a tua vida que germina no meu ventre será de macho ou de fêmea, aqui pouco importa. Se for homem, há-se perecer nesta ou noutra guerra suja; se for mulher, poderá ter como destino ser mais um ventre contaminado. Como o meu?, poderá a morte estar já no meu ventre e a tua semente, meu querido soldado, ter sido lançada num campo inútil?

Sozinha vai ser mais difícil fazer estas perguntas. E sobretudo saber as respostas.

Pausa.

Dizias que me amavas, não era meu soldadinho a fingir? Pois. Talvez. Dividiste o teu amor, pelo menos. E eu? Vou desabitando-me também das palavras. Pouco importam os nomes.

Pausa.

Já vais longe.

Mas ainda cheiras a laranjas doces.

Pausa.

Se for homem terá o teu nome.

50

Dia. Portugal. Lisboa. Aeroporto de Figo Maduro.

MADALENA (*Junto ao caixão onde jaz Paulo.*) O que fazes aqui?

Quem te mandou tão cedo?

Não é possível, a guerra ainda não está limpa.

Estás a ouvir?

O que fazes aqui?

Morreste? Não!

Não!

Volta para lá, então, e escreve numa longa carta ao teu filho por que é que não conseguiste limpar a guerra e a guerra te matou. Pede-lhe desculpa, pede-lhe desculpa com palavras como nunca ninguém ainda tenha escrito. E conta-lhe tudo o que ainda te lembrares de mim, de nós, da nossa praia, dos nossos corpos, das nossas palavras, da nossa árvore de laranjas doces, conta-lhe como sonhámos, a ele, conta-lhe isso com palavras daquelas que às vezes inventavas de madrugada.

Diz-lhe!

Não me deixes só...

Não morras...

Pausa.

Se continuares morto vão fazer muito mal ao teu corpo, vão tirar-lhe líquidos, abri-lo, retalhá-lo, virá-lo do avesso e depois o teu filho já não vai gostar de o ver.

Pausa.

Desculpa.

Desculpa.

Fica tanto para te dar.

Pausa.

Quero ver-te!

Por que é que não me deixam ver-te?!

Morto ou vivo, quero ver-te!

Quero-te!

Pausa.

Não podes estar aí...

Não podes...

Pausa.

Se não podes dar um beijo ao teu filho, volta morto para lá, junta-te aos mortos de lá nessa terra de mortos-vivos, faz inchar a terra com o teu corpo e explode! Mata crianças, mulheres e homens indefesos para então mereceres a tua morte. E depois pede uma medalha...

Eu também quero uma medalha. E uma bandeira. E uma arma. E uma razão. E uma vala aberta. E uma venda para os olhos. E um discurso. E um tiro no meu coração. E outro no coração do meu filho. Já!

Pausa.

Ainda aí estás?

Pausa.

Ainda aí estão todos, generais, presidentes, profissionais da mentira?

Pausa.

Meu amor, o nosso filho nasceu de olhos abertos.

Noite. Kosovo. Klina. Aquartelamento do destacamento militar português. Caserna do Pelotão Os Bravos do Kosovo.

ELIAS (*Lê um jornal.*) «O “enriquecimento” e concomitante “empobrecimento” do urânio natural (num dos seus isótopos, o urânio 235) não altera as suas propriedades químicas, mas apenas a radiação emitida, isto é, a “impressão digital” radioactiva. É uma operação inventada pelos humanos para melhor aplicar o urânio à produção de energia, através da sua utilização como “combustível” em centrais nucleares, ou como “explosivo” em armas nucleares. Segundo a Organização Mundial de Saúde, o estudo do Instituto Tecnológico Nuclear é o primeiro que mostra claramente a ausência de concentrações elevadas de urânio e radioactividade nas amostras recolhidas no Kosovo e na Bósnia. A Organização Mundial de Saúde felicitou os cientistas portugueses pelo seu trabalho e atenção aos pormenores.

“Este comentário é digno de registo pois provém de uma entidade externa, independente e competente neste domínio”, sublinha o relatório. No entanto, o aval da Agência Internacional de Energia Atómica, ou mesmo da Organização Mundial de Saúde, não confere qualquer credibilidade suplementar ao relatório por razões intrínsecas, visto que a Agência Internacional de Energia Atómica é uma Agência cujo papel consiste em fazer a promoção da energia nuclear e que se tem empenhado em minimizar os riscos dessa energia e das radiações em geral. A Organização Mundial de Saúde está também dependente desta Agência no que toca ao estudo do impacto das radiações na saúde, não podendo conduzir qualquer investigação sem aprovação prévia da Agência Internacional de Energia Atómica.»

NOTAS

1. A fala de Katritë do quadro 2 foi retirada da reportagem de José Amaro Dionísio (Mortes sem Cadastro), em Pristina, Kosovo (revista Grande Reportagem, nº 122, ano XII, 2ª série, Maio de 2001: 55 e 57), quase na íntegra e com adaptações de pormenor.

2. O texto da última fala de Elias baseia-se em informação recolhida num artigo de Marta Fernandes no jornal Público (Conclusões detalhadas do relatório do ITN), de 19 de Abril de 2001.

AGRADECIMENTOS A MORTOS E VIVOS

Agência Internacional de Energia Atômica

Antônio Granado

Delgado Fernandes

Eduardo Galeano

Edward Bond

Fernando Carvalho

General Barrento

George Büchner

Gonçalo M. Tavares

Graça Henriques

Günder Frank

Heiner Müller

Hugo Paulino

Inês de Matos Machado

Instituto Tecnológico Nuclear

Ismail Kadaré

Joana Fartaria

José António Salcedo

Leoneet Botelho

Lília Bernardes

Lúcia Sigalho

Luís Paulino

Luísa Pinto

Marta Fernandes

Noam Chomsky

Organização Mundial de Saúde

Paulo Moura

Raul Brandão

Rui Belo

Rui Namorado Rosa

Sara Santosnã



centro de
dramaturgia
contemporânea